



Duas cartas de Nietzsche a Franz Overbeck

Tradução: Ernani Chaves

Professor associado III da Faculdade de Filosofia da UFPA. Doutor em Filosofia (USP), com dois estágios de Pós-Doutorado na Alemanha. Membro do GT Nietzsche da ANPOF. Pesquisador bolsista do CNPq. Autor de livros e inúmeros artigos sobre Nietzsche publicados no Brasil e no exterior. Belém, PA - Brasil. e-mail: erna.nic@hotmail.com

A história é conhecida: alertado por Jakob Burckhardt, que havia recebido bilhetes estranhos de Nietzsche, Franz Overbeck toma o trem rapidamente na Basileia e segue para Turim, ainda à noite, no dia 6 de janeiro de 1889. Na manhã seguinte, ele encontra seu amigo já inteiramente imerso no delírio, no seu pequeno quarto da Via Carlo Alberto, 6. Overbeck não apenas levou Nietzsche de volta a Basileia, como também recolheu cuidadosamente os manuscritos que se encontravam no quarto de Turim; duplo gesto que só pode ser compreendido a partir da intensa e afetuosa amizade que o ligou a Nietzsche desde quando se conheceram, assim que o filósofo alemão chegou a Basileia, vinte anos antes. O gesto de Overbeck legou à posteridade a maior parte do material que tornou possível a composição de *Crepúsculo dos ídolos*, *O anticristo* e *Ecce homo*.

As duas cartas de Nietzsche a Overbeck a seguir traduzidas, escritas durante o último período de intensa atividade intelectual do filósofo alemão, em direta conexão com o trabalho final que levou ao *Crepúsculo dos ídolos*, são plenas de afeto, consideração e confiança. Além disso, elas também nos transportam para o cerne do processo de construção do último grande projeto de Nietzsche, o da “transvaloração de todos os valores”, depois do abandono do projeto de um livro intitulado *A vontade de poder*.

A edição alemã utilizada foi a *Sämtliche Briefe: Kritische Studienausgabe* (KSB). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin; München: Walter de Gruyter; DTV, 1986. Band 8. Notas sem indicação de autoria são de Nietzsche.

Esta tradução foi comparada, sempre que necessário, à edição italiana da correspondência de Nietzsche, inteiramente dedicada às cartas do período de Turim: NIETZSCHE, F. *Lettere da Torino*. A cura de Giuliano Campioni. Traduzione de Vivetta Vivarelli. Milano: Adelphi Edizioni, 2008. Agradeço ainda a Marco Brusotti e Maria Cristina Fornari pelo convite para uma temporada de pesquisas na Università di Salento, em Lecce (Itália), em maio último, que foi bastante útil para este trabalho, e ao CNPq, pelo financiamento da viagem por meio da Bolsa de Produtividade.

KSB, 8, p. 452-455.

Turim, 18 de outubro de 1888.

Caro amigo,

Ontem, com tua carta em mãos, fiz meu habitual passeio das tardes pelas cercanias de Turim. Por toda parte, a mais pura luz de outubro; o caminho arborizado que me conduziu por aproximadamente uma hora ao longo do Pó ainda estava pouco tocado pelo outono. Sou agora o homem mais agradecido do mundo – *outonalmente* feliz em cada bom sentido da palavra: é minha maior *época de colheita*. Tudo se torna leve para mim, tudo vai bem, embora dificilmente alguém tenha tido nas mãos coisas tão grandiosas. Que o *primeiro* livro da *transvaloração de todos os valores* esteja pronto, já impresso, te comunico com um sentimento para o qual não tenho nenhuma palavra. Serão *quatro* livros, publicados separadamente. Desta vez, como um velho artilheiro, apresento meu maior canhão: temo ter dividido a história da humanidade em duas partes. – Com este escrito, ao qual aludi em minha última carta, em breve estaremos chegando ao fim: não posso perder agora meu precioso tempo, por não ter muito, para me expressar com uma precisão rigorosa. Tua citação de “Humano, demasiado humano” chegou a tempo para ser incluída. – Este escrito já é cem vezes uma declaração de guerra, com uma posterior detonação nas montanhas; em primeiro plano

muito de “jocosos”, do tipo de minha exigida jocosidade...¹ Com este escrito, pode-se ser facilmente instruído acerca de meu *gram* de heterodoxia, o qual, de fato, não deixa nenhuma pedra do outro lado. Avanço contra os *alemães* em toda a extensão do *front*: não deverás lamentar sobre “ambiguidades”. Essa irresponsável raça, que traz na consciência todas as grandes *malheurs*² do mundo e que teve em todos os momentos decisivos da história algo “diferente” em mente (– a Reforma na época da Renascença; filosofia kantiana como um modo *científico* de pensar alcançado com esforço na Inglaterra e na França: “Guerras da Liberdade” durante o aparecimento de Napoleão, do único que até agora fora suficiente para formar a partir da Europa uma *unidade* política e *econômica* –), tem hoje na cabeça “o império”, essa recrudescência da pequena política [*Kleinstaaterei*] e da cultura do atomismo, em uma hora em que a maior *questão acerca dos valores* é colocada. Jamais houve um momento mais importante na história: mas, *quem sabia algo disso?* O equívoco existente hoje é perfeitamente necessário: no momento em que uma jamais pensada grandeza e liberdade da paixão intelectual se apropriam do *maior* problema da humanidade provocando a decisão sobre seu destino, a pequenez e a estupidez resistem fortemente. Contra mim não existe, de maneira nenhuma, qualquer “inimizade”: simplesmente não se tem nenhum ouvido para algo que venha de mim, *em consequência*, nem *pró*, nem *contra*...

Caro amigo, se posso pedir-lhe, deposite também os 500 francos, dos quais me falaste, no Handwerkerbank. Devo agora, com todas as minhas forças, economizar, pois os enormes custos de impressão dos próximos três anos devem crescer. (Suponho que os 1.000 francos a serem pagos em 1º de outubro foram agora inteiramente depositados). Em fins de dezembro, todavia, preciso ter necessariamente com urgência os 500 francos. Meu plano é permanecer aqui até o dia 20 de novembro (– uma intenção algo *friorienta*, porque o inverno está chegando mais cedo!). Então, quero ir para Nice e lá, rompendo inteiramente com os costumes de até agora, construir a existência que preciso no momento. Pensei também muitas vezes em Bastia, na Córsega: de fato, em meio à profunda autointrospecção, da qual ainda necessito, temo o *experimento* e seus perigos.

¹ Em meio à descomunal tensão desta época, um duelo com Wagner foi para mim um perfeito *descanso*: também se faz necessário agora, quando adentro abertamente na guerra, justificar *publicamente* pelo menos uma vez, que “tenho o pulso livre”...

² Em francês, no original, “infelicidades” (N. do T.).

O Sr. Köselitz³ mudou-se para Berlim; suas cartas respiram a melhor de todas as constituições da alma que se pode desejar na terra. Para ele, também acontece algo: sobre isso, outra vez, posteriormente. Endereço: Berlim SW. Lindenstrasse 116 IV 1.

Saudações para ti e tua querida esposa com o meu muitíssimo obrigado

Teu Nietzsche.

KSB, 8, p. 468-470.

Turim, Rua Carlo Alberto 6, III, em 13 de novembro de 1888.

Caro amigo,

Talvez vocês já estejam no inverno: nós estamos muito perto dele – as montanhas mais próximas já têm uma leve peruca. Esperemos que o inverno corresponda ao que foi o outono: pelo menos aqui foi um verdadeiro milagre de beleza e muita luz –, um permanente Claude Lorrain.⁴ Desaprendi o conceito de “tempo bom” e penso com misericórdia em minha estúpida lealdade a Nice. – Meus livros que eu tinha deixado lá já estão a caminho de Turim. Por este motivo, fiquei sabendo que minha divertida vizinha de mesa no Ehedem, Frau von Brandeis, chegou à pensão de Genebra. O aquecedor de carbono-sódio também está vindo, por um preço bem honesto, como devo dizer, em homenagem a Nieske, de Dresden. Comprei para mim hoje um *superbe*⁵ par de luvas inglesas para o inverno. – Com boa vontade, velho amigo Overbeck, consigo não lhe contar nada de ruim a meu respeito. O

³ Trata-se de Peter Gast, como sabemos (N. do T.).

⁴ O pintor francês Claude Lorrain (1600-1682) é considerado como o mais importante representante do paisagismo clássico, tendo vivido a maior parte de sua vida na Itália. Foi chamado de maior “luminista” de sua época, pelos efeitos dramáticos de luz que imprimia em suas obras. Os mais célebres paisagistas do século XIX, holandeses, franceses e ingleses, foram bastante influenciados por ele. No mesmo diapasão, Nietzsche cita Lorrain em carta a Peter Gast, de 30 de outubro de 1888, também escrita de Turim, assim como em *Ecce homo*, Crepúsculo dos ídolos 3 (N. do T.).

⁵ Em francês, no original, “soberbo”, “esplêndido”, “belíssimo” (N. do T.).

trabalho e o bom humor vão indo cada vez mais em um *tempo fortíssimo*.⁶ Tratam-me também aqui *comme il faut*,⁷ com uma distinção extrema; há uma maneira de me abrir as portas, que não havia vivenciado em nenhum outro lugar. Reconhecendo que visito apenas belos lugares, um clássico alfaiate também me alegra. – Tivemos estes dias a obscura pompa de um *grandioso* funeral, do qual toda a Itália participou: o do conde Robilant, o tipo mais honrado da aristocracia piemontina, em todo caso, filho natural do rei Carlo Alberto, como se sabe aqui. Para mim a Itália perdeu um primeiro-ministro, que não pode ser substituído. – Algo belo por perto: as belezas da aristocracia de Turim se tornaram totalmente atrevidas, como a imagem das primeiras belezas coroadas em *Spaa*.⁸ Aqui também se tem em vista imediatamente para janeiro um *concorso di bellezza*.⁹ – creio que eles têm todo o direito disso! Já vi, diante de mim, na exposição da primavera, um tal concurso em *portraits*.¹⁰ Também nossa nova turiniana, a princesa Letícia Bonaparte, recém-casada com o duque de Acosta estará com prazer no baile. Entrementes, recebi verdadeiras cartas de homenagem pelo meu “Caso Wagner”. Chama-se o livro não apenas uma obra de arte psicológica de primeira categoria, em um domínio onde ninguém até então colocara os olhos. – Na psicologia do músico, chama-se o *esclarecimento* acerca do caráter de *décadence* da nossa música em geral um acontecimento histórico-cultural, algo que ninguém, à exceção de mim, fizera: as palavras sobre Brahms seriam o extremo da sagacidade psicológica. – O Sr. Spitteler expressou seu encantamento no número de quinta-feira do “Bund”,¹¹ o senhor Köselitz na “Kunstwart”; de Paris dizem-me que é iminente um artigo na *Nouvelle Revue*.¹² Boas notícias

⁶ Em italiano, no original, “intenso” (N. do T.).

⁷ Em francês, no original, “como deve ser”, “como é necessário” (N. do T.).

⁸ Cidade na província belga (N. do T.).

⁹ Em italiano, no original, “concurso de beleza” (N. do T.).

¹⁰ Em francês, no original, “retratos” (N. do T.).

¹¹ Trata-se do escritor suíço Carl Spitteler, com quem Nietzsche manterá intensa correspondência nos últimos anos saudáveis de sua vida. Spitteler publicou no número da revista “Der Bund”, de 8 de novembro de 1888, uma resenha positiva do *Caso Wagner* (N. do T.).

¹² Trata-se de uma falsa notícia, que não se sabe como chegou a Nietzsche. De todo modo, em 1892, essa revista publicou um artigo sobre Nietzsche: “Un moraliste à rebours”, de B. Jeannine (N. do T.).

também. August Strindberg, o maior escritor sueco, “um verdadeiro gênio”, tal como escreve o Dr. Brandes, se interessou inteiramente por mim; também a sociedade de São Petersburgo procura estabelecer uma relação comigo, bastante difícil em razão da proibição de meus escritos (Príncipe Urussow, Princesa Anna Dmitrievna Ténicheff). Enfim, a charmosa viúva de Bizet.

“Crepúsculo dos ídolos. Ou: como se filosofa com o martelo” está impresso; o manuscrito do “*Ecce homo*. Como se torna, o que se é” já está na gráfica. – Neste último, de absoluta importância, há alguma coisa psicológica e mesmo biográfica sobre mim e minha obra: poderei ser *visto* de uma única vez. O tom do escrito, alegre e fatal, como tudo que escrevo. No fim do próximo ano aparecerá então o *primeiro* livro da *transvaloração*. Ele já está pronto.

Com o mais profundo desejo de felicidade, para teu bem-estar do corpo e da alma

Teu Nietzsche.

Recebido: 10/07/2010

Received: 07/10/2010

Aprovado: 20/07/2010

Approved: 07/20/2010